

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

FERNANDA DOS SANTOS

**O Aparelho Celular na Escola:
Contra uma Educação Imóvel**

**Porto Alegre
2015**

FERNANDA DOS SANTOS

**O Aparelho Celular na Escola:
Contra uma Educação Imóvel**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):
Prof. Dr. Marcelo Magalhães Foohs**

**Porto Alegre
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho, *Tom*, que eu amo infinito e além.

RESUMO

A presença do celular nas escolas gera conflitos recorrentes entre professores e alunos. A existência de uma lei que proíbe o uso do celular na sala de aula tem motivações e implicações. Ao mesmo tempo em que muitos professores encaram essa situação como um problema, pois os alunos se desviam da principal atividade escolar, há aqueles que se aproveitam dela para enriquecer suas aulas. Propõem trabalhos em que os alunos são protagonistas, responsáveis por sua aprendizagem. A educomunicação então se faz presente. Nessa perspectiva de trabalho, as mídias e, entre elas, o celular, contribuem para o enriquecimento da aprendizagem, que se torna significativa para o aluno. Essa área já conta com muitas experiências de sucesso. É preciso então compreender essas relações conflituosas entre escola, professores, alunos, tecnologias digitais buscando respostas em estudos que tratam das relações entre os sujeitos e a mídia, o consumo e a cultura.

Palavras-chave: Educomunicação. Celular na escola. Identidade cultural.

ABSTRACT

The presence of cell phones in schools generates recurring conflicts between teachers and students. The existence of a law banning cell phone use in the classroom has motivations and implications. While many teachers perceive this as a problem because students turn away from the main school activity, there are those who take advantage of it to enrich their classes. They propose jobs where students are protagonists, responsible for their learning. In this case, Educommunication is present. In this perspective, the media, and among them, the cell phone contribute to the enrichment of learning which becomes meaningful to the student. This area already has many successful experiences. Therefore, we must understand these conflicting relationships between school, teachers, students, digital technologies, looking for answers in studies dealing with relations between the subject and the media, consumption and culture.

Keywords: Educommunication. Cell phone in school. Cultural identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Número de celulares em uma turma de Ensino Médio Noturno	21
Figura 2: Cartaz cumprindo a Lei Municipal n. 12884	22
Figure 3: Cartaz cumprindo a Lei Municipal n. 12884	22
Figura 4: Cartaz de aluno	24
Figura 5: Uso do celular na escola 1	32
Figura 6: Uso do celular na escola 2	32

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ensino Fundamental: Alunos x Celulares	23
Gráfico 2: Ensino Médio: Alunos x Celulares x Internet	23
Gráfico 3: Quiz: Você é Viciado em Celular?.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo Geral	13
2.2 Objetivos Específicos.....	13
3 METODOLOGIA	14
4 A LEI: MOTIVAÇÕES E IMPLICAÇÕES	15
5 O CELULAR NA ESCOLA	18
5.1 Os professores e o celular na sala de aula.....	19
5.2 Os alunos e o celular na escola	20
5.3 Educomunicação	26
6 MÍDIA DIGITAL NA ESCOLA: UMA TRANSGRESSÃO?	32
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
ANEXOS	41

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia invadiu as vidas das pessoas, segregando, inicialmente, de alguma maneira, as classes sociais. No entanto, é notório que com o passar do tempo, cada vez mais as classes menos favorecidas têm acesso aos equipamentos eletrônicos, à internet. Em decorrência disso, os sujeitos mudaram seus interesses, o que acabou refletindo na escola.

As escolas, para se adaptarem a esses novos alunos, equiparam-se de tecnologias da informação e comunicação (TIC'S). Mas, ainda está em processo, tratando de maneira geral, a questão do uso apropriado dessas tecnologias pela comunidade escolar. Um passo importante é desmitificação do uso de muitas dessas tecnologias, bem como a capacitação dos profissionais da escola.

Preparar os alunos para uma sociedade que convive em diversos âmbitos com as tecnologias de informação e comunicação deveria ser ponto primordial nos regimentos escolares, uma vez que o uso das TIC's na escola pode atender algumas carências dos alunos em relação às habilidades de que eles precisam para movimentar-se nesse novo mundo. Por isso, com o intuito de contribuir com a formação desses novos sujeitos, realizo essa investigação sobre o uso de tecnologia móvel no ambiente escolar.

Perceber os atritos constantes que surgiram na escola em relação ao uso do celular, após a publicação da Lei de proibição do seu uso e até mesmo antes dela, motivou minha pesquisa. De um lado, os meus colegas de profissão e eu inclusive, sentindo-nos incomodados com a presença do celular na sala de aula, desviando a atenção dos alunos; de outro, os alunos, adolescentes nascidos numa geração muito diferente da nossa: uma geração que domina as tecnologias digitais com habilidade de dar inveja.

Meu primeiro passo foi investigar as motivações para a proposta da lei de proibição do uso do celular na sala de aula. Nesse capítulo, relato o caminho percorrido até o projeto final da Lei Federal. No mesmo capítulo discorro sobre o olhar da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) a respeito do tema, através do documento intitulado “Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel”.

Em seguida, relato algumas experiências e opiniões de professores acerca do tema. Logo após, insiro a visão e a orientação do MEC (Ministério da Educação e Cultura) através dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) no que diz respeito ao uso das tecnologias na escola.

Então, reviso o conceito de Educomunicação e suas relações com meu tema de pesquisa. Por fim, faço uma breve conexão do assunto com os Estudos Culturais em Educação.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender os efeitos causados pela presença do celular no ambiente escolar e sugerir possíveis maneiras de um convívio sadio entre professores, alunos e celular.

2.2 Objetivos Específicos

- * Investigar a presença do celular na escola;
- * Relatar experiências de sucesso com o uso do celular na escola ;
- * Estudar a Educomunicação e sua contribuição para o tema;
- * Relacionar os Estudos Culturais em Educação com o tema.

3 METODOLOGIA

O trabalho foi realizado com quatro turmas de Ensino Fundamental, cerca de cento e dez alunos e quatro turmas de Ensino Médio, cerca de cento e vinte alunos, de escola pública municipal.

Primeiramente, realizo uma pesquisa do número de alunos x número de celulares x número de celulares com internet.

Em seguida, entrevisto professores dos alunos apresentados acima sobre a presença do celular na sala de aula.

Apresento, então, pesquisa relatos de experiências com celular.

A partir dessas informações, busco as motivações das leis de proibição do uso do celular e seus respectivos projetos. Examino as Diretrizes da UNESCO para a aprendizagem Móvel.

Relaciono o assunto, a partir dos dados e dos relatos com dois temas: a Educomunicação e os Estudos Culturais em Educação.

Acrescento, ao final da pesquisa, os resultados de um Quiz relacionado ao uso do celular.

4 A LEI: MOTIVAÇÕES E IMPLICAÇÕES

A lei que proíbe a utilização de aparelhos celulares nas salas de aula surgiu através do projeto de lei nº 2.246-A, de 2007, do Sr. Pompeo de Mattos. Tal projeto visava “assegurar a essência do ambiente escolar, onde a atenção do aluno deve estar integralmente direcionada aos estudos, na fixação do aprendizado passado pelos professores, sem que nada possa competir ou desviá-lo desse objetivo.” Como motivação, o proponente cita relatos de professores sobre o uso dos aparelhos: envio de torpedos entre os alunos durante a aula para colegas da turma ou até mesmo de outras turmas da escola, recebimento de ligações, uso de jogos que a maioria dos celulares oferece, envio de mensagens durante as provas e uso de arquivos com o conteúdo como consulta durante as mesmas.

Além disso, o projeto contava com opiniões de psicólogos, defendendo que o aparelho prejudica a interação face a face, inclusive porque é utilizado no recreio. Portanto, a sugestão era que o celular não fosse levado à escola, nem mesmo com a justificativa de comunicação entre pais e filhos, uma vez que as escolas dispõem de telefones para isso. Uma experiência na Alemanha foi citada no projeto, também como justificativa: evitar o contato dos alunos com materiais pornográficos e de extrema violência. E, por último, alegava-se que o uso do aparelho servia como forma de exibição do status social do aluno, sugerindo uma maneira de competição entre o mesmo e seus colegas.

Um segundo projeto também foi proposto, à mesma época: o projeto de lei nº 2.547, de 2007, do Sr. Nilson Mourão. Este projeto fazia uma ressalva, em relação ao anterior: O celular não deveria ser utilizado na sala de aula “sem fins educacionais”. Além disso, sugeria advertência e multa como punição do seu descumprimento. No entanto, em relação à justificativa, assemelhava-se ao anterior, considerando as questões do desvio da atenção do aluno, apresentando a experiência já concretizada na Alemanha.

Os dois primeiros projetos atinham-se à educação básica e de escolas públicas do país. Um terceiro projeto, então, o projeto de lei de nº 3.486, de 2008, do Sr. Eliene Lima, estendia a Lei ao Ensino Superior, por considerar que o problema do uso do celular se intensificava nesse nível de ensino. Em 2009, aprovava-se então, o projeto de Lei definitivo, substitutivo do projeto inicial e apensos, como segue:

Proíbe o uso de aparelhos eletrônicos portáteis nas salas de aula dos estabelecimentos de educação básica e superior.
O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica proibido o uso de aparelhos eletrônicos portáteis nas salas de aula dos estabelecimentos de educação básica e superior.

Parágrafo único. Serão admitidos, nas salas de aula de estabelecimentos de educação básica e superior, aparelhos eletrônicos portáteis, desde que inseridos no desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas e devidamente autorizados pelos docentes ou corpo gestor.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala de Comissão, em 3 de junho de 2009. (BRASIL, Projeto de Lei nº 3486, de 3 de junho de 2009)

É importante ressaltar que essa exposição refere-se ao projeto de lei federal. Entretanto, enquanto esses projetos tramitavam, já havia leis semelhantes em alguns estados e municípios do país. Em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, além da proibição do uso do celular, a lei exige que tenha seu texto afixado em todas as salas de aula.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicou “Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel”, que vêm de encontro ao que tratam as leis que abordamos anteriormente. De acordo com as diretrizes, ao contrário dos computadores que são acessíveis apenas a uma pequena parcela da população e que necessitam de um espaço físico fixo, os aparelhos móveis são de mais fácil aquisição, além de poderem ser transportados com o sujeito para qualquer parte.

Hoje, as tecnologias móveis são comuns, mesmo em áreas onde escolas, livros e computadores são escassos. À medida que o preço dos telefones celulares vai diminuindo, provavelmente, cada vez mais pessoas, adquirem aparelhos móveis e aprendem a usá-los, inclusive aquelas que vivem em áreas mais vulneráveis. (UNESCO, 2014, p.12)

Ademais, o texto ressalta para a importância da individualização dos aparelhos móveis em que a personalização é um relevante aspecto. As particularidades dos indivíduos, os ritmos de aprendizagem, os níveis cognitivos podem ser respeitados facilmente. E a interatividade com a possibilidade do feedback é uma perspectiva importante.

As diretrizes alertam para o fato de que a formação para os professores é de grande relevância. De nada adianta os aparelhos móveis estarem disponíveis se os professores não dominarem seu uso, explorando suas possibilidades. Por isso, o texto aponta diversas recomendações dirigidas aos gestores da educação, no que diz respeito a treinamentos técnicos e pedagógicos para os professores.

Outras recomendações referem-se ao desenvolvimento de conteúdos educacionais, programas, plataformas, entre outros, que possibilitem a aprendizagem. Ao mesmo tempo,

alerta para o investimento em infraestrutura de instituições educacionais. E, como consequência, subsidiar o acesso à internet.

E, finalmente, aponta para os problemas que o uso da tecnologia móvel pode acarretar nos usuários sem a devida orientação. O uso responsável provavelmente não será apresentado se não for na escola. O uso irrestrito dessa tecnologia, além de dar acesso a conteúdos inapropriados, pode influenciar de maneira negativa alguns comportamentos.

5 O CELULAR NA ESCOLA

Enfim, aquele aparelho de grandes dimensões, pesado e de alto custo tornou-se pequeno, leve e acessível financeiramente. De uma situação à outra, passaram-se muitos anos e diversos interesses. A redefinição do aparelho, desimpedido de funções e acessibilidade, surgiu como uma ameaça, como tantas outras tecnologias: o vídeo cassete ao cinema, o cinema ao livro, o CD ao LP... Mas, desta vez, a ameaça que à primeira vista é ao ensino, à aprendizagem, é de fato ameaça a uma certa zona de conforto, estabelecida por quem até então se sente inatingível ao que vem de fora, protegido por paredes, quadro e giz (ou canetas, mais modernas e pouco assustadoras), ou seja, a uma boa parte dos profissionais da educação.

O aparelho móvel na sala de aula representa uma possibilidade funesta da perda do controle do professor sobre a sua aula, o seu aluno e o seu (não?) planejamento. Nessa perspectiva, os professores passaram a ser fiscais da ordem, na contramão dos anseios da sua “plateia”. Ao ir contra esses anseios, estabeleceu-se uma verdadeira guerra e o celular transformou-se em uma arma.

Batalhas foram travadas e as escolas viraram verdadeiros tribunais, com juízes, testemunhas e advogados. E o tempo do ensino acabou esvaindo-se nos julgamentos. Um tempo que é curto e precioso demais para se perder.

Transformar a arma que fere em ferramenta que ensina não é uma tarefa descomplicada. Envolve horas de dedicação do professor, primeiramente, para aprender as ricas possibilidades, depois, para planejar a inserção do aparelho no seu trabalho em sala de aula.

Há mais de uma década, se discute no Brasil a questão da educação para a comunicação. Os PCN’s apontavam nessa direção ao formular os objetivos gerais para o Ensino Fundamental: “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos”. (BRASIL, p.66, 1997) Isso pode indicar um relativo atraso no atual pensamento que defende a proibição dos aparelhos móveis em sala de aula.

O texto dos PCN’s deixa clara a importância da boa e proveitosa convivência da tecnologia com a sala de aula. Ao falar em “construir conhecimentos” coloca o aluno como protagonista da sua aprendizagem. Conforme o texto dos PCN’s para o Ensino Médio,

Descobertas humanas foram pensadas para o homem e assim devem ser entendidas. Os sistemas tecnológicos, na sociedade contemporânea, fazem parte do mundo

produtivo e da prática social de todos os cidadãos, exercendo um poder de onipresença, uma vez que criam formas de organização e transformação de processos e procedimentos. Dos discursos inquietadores ou apologistas sobre as novas tecnologias, a escola deve compreendê-las como atividades humanas e sociais, intrinsecamente ligadas à história das lutas da humanidade para a superação dos limites biológicos e para a criação de um mundo social mais democrático. As tecnologias estão no passado, no presente e estarão no futuro como armas humanas de desvendamento do universo natural e social. A problemática se encontra nas formas de seus usos e não nos fins de sua criação. (BRASIL, 2000, p.12)

Então, o uso das tecnologias é o ponto central da análise que faço. Para pensar essas questões, relato a seguir algumas experiências vividas na escola, tanto com alunos quanto com professores. Escrevo também algumas observações a respeito dessas vivências.

5.1 Os professores e o celular na sala de aula

A queixa do uso do celular na sala de aula tem estado entre as reclamações mais recorrentes feitas por professores aos responsáveis pelos alunos. As observações referem-se ao fato de que os celulares tocam durante as aulas e também desviam a atenção dos alunos quando estes os utilizam para jogar, navegar na internet, enviar torpedos, ouvir músicas entre outras tantas atividades que oferecem. Como argumento, em seu próprio favor, os professores utilizam a lei da proibição do uso do celular, que foi apresentada no início do capítulo.

Essas observações não são generalizadas e fazem parte de uma experiência de mais de quinze anos como professora de Ensino Fundamental e Médio, em unidades de ensino privadas e públicas. Para entender tais atitudes, conversei com alguns colegas, informalmente, sobre o assunto. Entre os tópicos que abordei, estão:

- Você deixa os alunos usarem o celular na aula?
- Você usa o celular durante a aula?
- Por que você acha que os alunos usam o celular durante a aula?
- Você tem conhecimento da lei que proíbe o uso do celular em sala de aula?
- Alguma vez você já usou o celular como recurso na sua aula?

Percebi, nas colocações da maioria dos meus colegas, uma resistência muito forte à presença do celular na sala de aula. Raros foram os colegas que citaram qualquer experiência produtiva com essa tecnologia por parte dos alunos. Um colega usou o termo “pró-ativo”.

Segundo ele, enquanto os alunos não forem pró-ativos, essa convivência não será pacífica. No entendimento desse professor, os alunos poderão usar seus celulares a partir do momento em que ele seja uma ferramenta que contribua para o seu aprendizado. Ele considera também que está claro que, se o celular puder ser usado como ferramenta de auxílio, poderá ser também um meio de comunicação ou forma de distração das atividades devidas pelos alunos.

Entre as muitas opiniões contrárias, estão os argumentos que referem o mesmo que a lei: o aparelho móvel distrai a atenção do aluno. Provoquei os professores com relação aos fones de ouvido e ouvi argumentos de que os alunos não são capazes de conseguir concentração e conseqüentemente aprender ouvindo música.

Ao serem questionados sobre as causas de os alunos usarem os celulares na aula, todas as respostas, sem exceção, voltaram-se aos alunos: “não querem estudar, não têm interesse, não têm educação, não têm respeito”. Nenhum professor sugeriu que uma falta de planejamento ou um planejamento pouco interessante, por exemplo, pudesse ser motivo do uso do celular. Ao provocá-los sobre isso, apenas alguns poucos colegas admitiram ser essa uma causa possível.

5.2 Os alunos e o celular na escola

Em minha prática como professora, procuro ser paciente com celulares que tocam na aula, porque qualquer pessoa pode esquecer o celular ligado, inclusive eu. Quando me pedem para ouvir música enquanto realizam atividades, minha resposta, normalmente, é positiva. Dessa forma, sinto que se cria um ambiente mais tranquilo e uma melhor relação com os alunos.

Ao mesmo tempo, já houve situações em que solicitei aos alunos que guardassem o aparelho, pois percebo que em alguns momentos, como por exemplo, durante uma aula expositiva, uma apresentação de trabalho de colegas ou avaliações, o celular e a sala de aula não combinam. No entanto, já fui surpreendida outras vezes de maneira positiva e que, certamente, tem relação direta com meu interesse no tema.

Certa vez, propus como trabalho, na disciplina de Língua Portuguesa, no sexto ano do Ensino Fundamental, a produção de um programa de rádio. O assunto era o escritor que viria à escola para um bate-papo durante a programação da Feira do Livro da cidade: sua obra lida e estudada e sua biografia. Após formarem-se os grupos, os componentes deveriam escrever o roteiro do programa, selecionando uma música para terminá-lo. Deveriam definir também

qual colega seria o locutor e, se houvesse entrevista, quem representaria o entrevistado entre outras importantes tarefas. Durante a realização dessa atividade, surpreendi dois alunos utilizando o celular, de distintos grupos. Minha fala foi a mesma para ambos: “Guardem o celular e concentrem-se no trabalho.” Para minha surpresa, eu obtive duas respostas inesperadas: Na primeira, o aluno me disse que estavam aproveitando o tempo para ouvir várias músicas arquivadas naquele aparelho e então decidirem aquela que concluiria o programa que estavam fazendo. Na segunda, os alunos estavam gravando pequenas falas para escolher qual das vozes do grupo se adequava da melhor maneira ao trabalho.

Eu tinha, na minha frente, crianças de onze anos de idade, inseridas de alguma maneira no mundo das tecnologias digitais desde que nasceram e utilizando essa tecnologia a favor da sua aprendizagem por iniciativa própria. Talvez o desejo de muitos professores. Relato essa experiência com o intuito de promover a reflexão necessária e urgente aos professores sobre o convívio sadio do celular na sala de aula.

No início do ano letivo em que nos encontramos, eu pedi aos alunos de todas as minhas turmas que colocassem por alguns instantes, seus aparelhos celulares sobre uma mesa específica visível a todos. Minha intenção era descobrir o tamanho da ameaça e se ela era real. A imagem a seguir retrata a quantidade de aparelhos em uma turma de primeiro ano do Ensino Médio noturno com aproximadamente quarenta alunos.

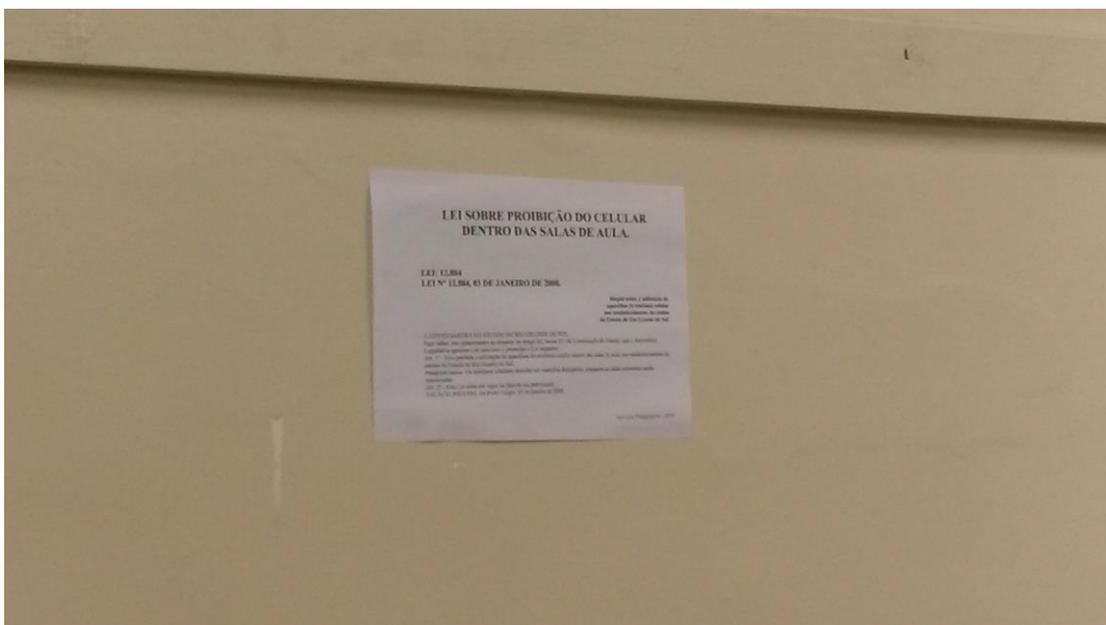
Figura 1: Número de celulares em uma turma de Ensino Médio Noturno



Fonte: Arquivo pessoal

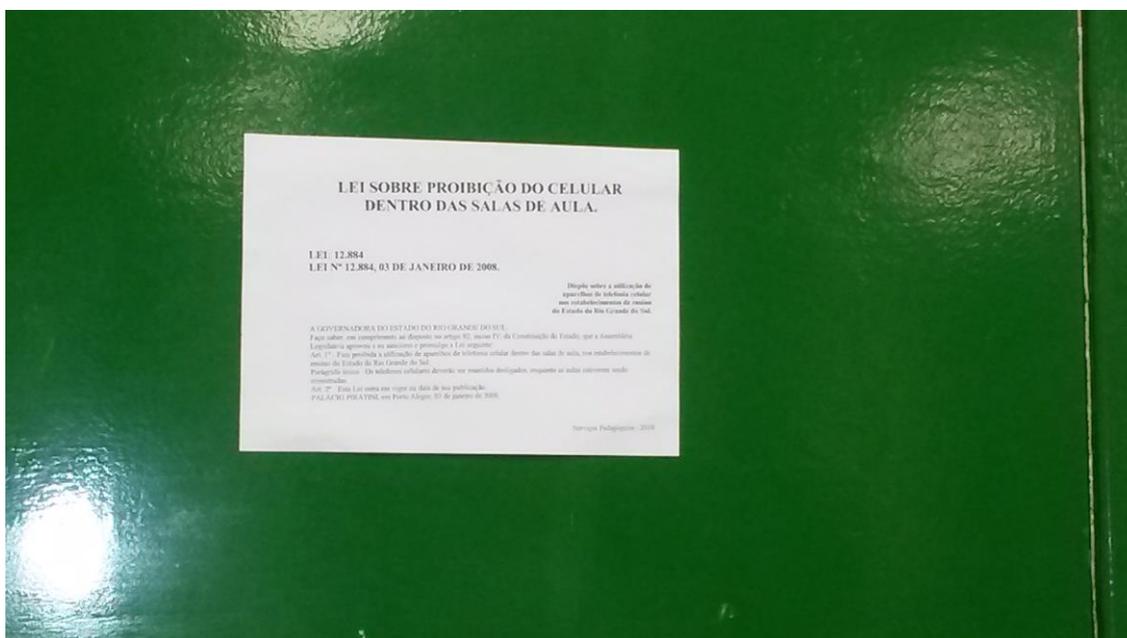
A minha insistência e a resistência dos alunos mostraram-me que eles tinham receio de que eu confiscasse seus aparelhos e os levasse à direção, já que por todos os lados somos conhecedores de que ter tais aparelhos na sala de aula é uma transgressão, como se observa nas duas próximas imagens coletadas na mesma sala de aula.

Figura 2: Cartaz cumprindo a Lei Municipal n. 12884



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 3: Cartaz cumprindo a Lei Municipal n. 12884

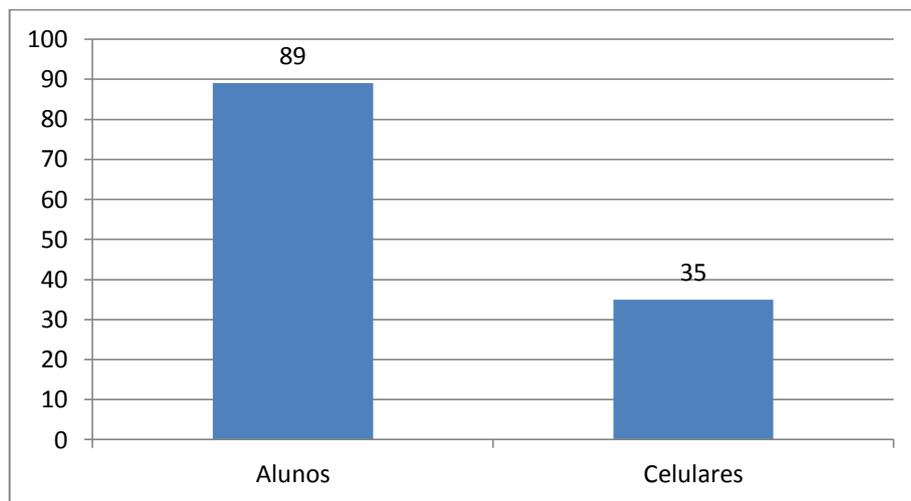


Fonte: Arquivo Pessoal

No momento seguinte ao “recolhimento” dos aparelhos, eu questionei os alunos com duas perguntas: “Se eu quisesse tirar uma dúvida agora e precisasse de internet, quantos desses aparelhos atenderiam minha necessidade?” “Por que vocês trouxeram o celular para a escola?” Surpresa e espanto foram minhas reações às respostas.

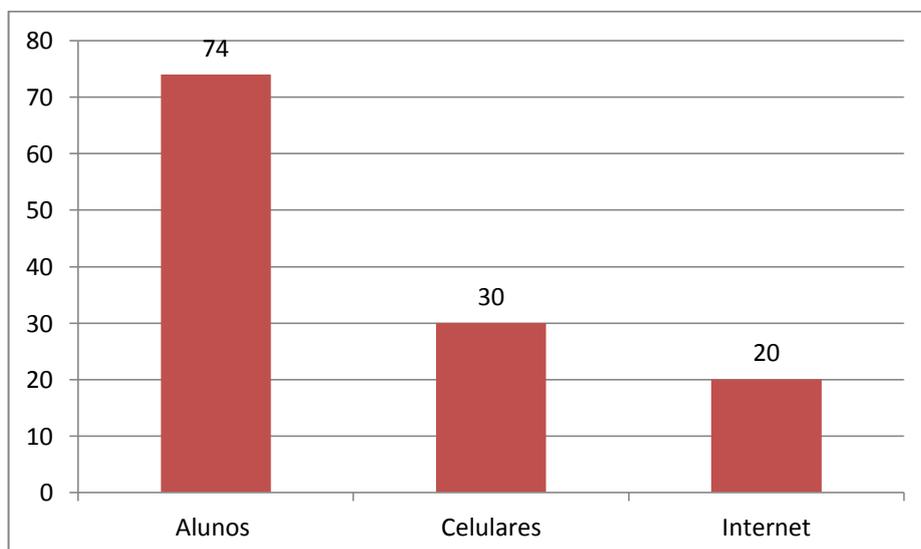
Os gráficos a seguir mostram dados sobre a relação entre quantidade de alunos presentes às aulas x quantidade de celulares levados à escola. É preciso considerar que no Ensino Fundamental, não havia um celular sequer com internet disponível, enquanto que no Ensino Médio, o número é pouco significativo.

Gráfico 1: Ensino Fundamental: Alunos x Celulares



Fonte: Organizado pela autora

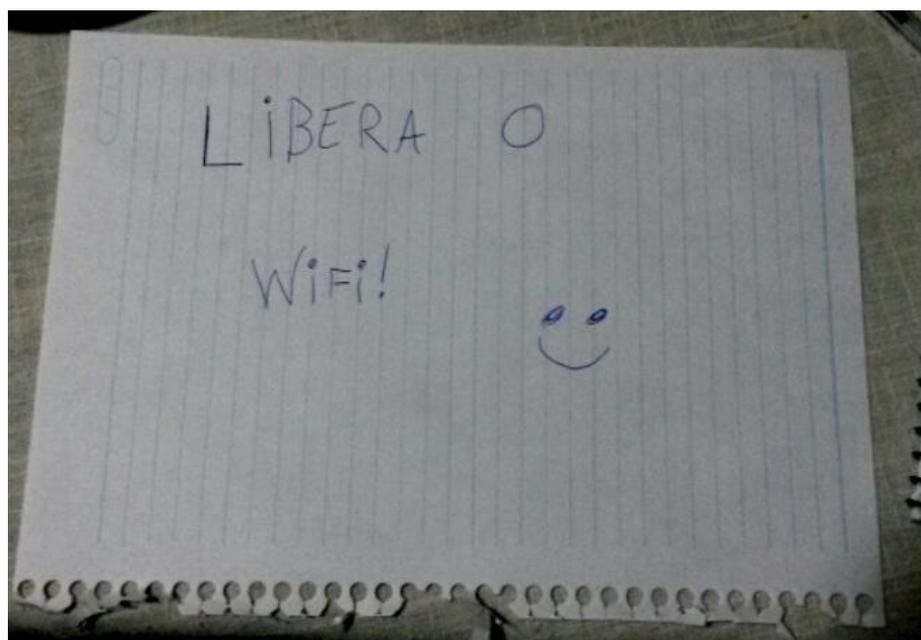
Gráfico 2: Ensino Médio: Alunos x Celulares x Internet



Fonte: Organizado pela autora

A grande maioria das “armas ameaçadoras” não tinha internet disponível. Esse dado é significativo porque nas turmas de Ensino Médio, a maioria dos alunos é trabalhadora, pois frequenta aulas noturnas e, conseqüentemente, poderia manter um plano de dados para seu aparelho. A partir daí, instalou-se uma brincadeira por parte de alguns grupos em relação a mim, talvez por não me mostrar ameaçada ou ameaçadora: toda vez que eu entrava na aula, eles me mostravam plaquinhas feitas em folhas de caderno com os seguintes dizeres: “Libera o *wifi*”.

Figura 4: Cartaz de aluno



Fonte: Arquivo Pessoal

Em relação à segunda pergunta, muitas foram as respostas: o celular os acompanha à escola para:

- Ouvir música;
- Consultá-lo como relógio;
- Usá-lo como câmera fotográfica;
- Para jogar;
- Utilizá-lo como distração na hora do intervalo;
- Para assistir a vídeos;
- Para usar o recurso da calculadora nas aulas de matemática;

- Para comunicar-se através do *whatsapp*;
- Para entreter-se nas redes sociais;
- Telefonar;
- Vício.

Os dois últimos pontos merecem uma consideração especial. A resposta “telefonar” só apareceu nas turmas de Ensino Médio e apenas porque eu perguntei, lembrando-os de que o celular também serve para telefonar. Ou seja, a primeira função do aparelho, a mais importante, talvez, quando surgiu no mercado, é absolutamente dispensável pelas novas gerações. Até mesmo porque essa função é de alto custo e pode ser realizada de outras maneiras mais acessíveis financeiramente.

Portanto, é indispensável, nesse momento, pensar que o celular não deve ser visto pela escola como era visto quando surgiu. Se os usuários entendem e usufruem das suas novas possibilidades, por que a escola não pode fazer o mesmo?

A minha escolha de colocar a resposta “vício” como último item, nada se relaciona com a quantidade de vezes que essa resposta apareceu. Foi exclusivamente para sugerir que fique na nossa mente como uma resposta sincera dos alunos e de grande parte deles. Mesmo que não utilizem, que não tenham créditos ou planos de dados, virou um vício, um atributo inerente à adolescência da década em que vivemos. Realmente impressionou-me a quantidade de alunos que não tinham motivo para levar o celular à escola. Isso traduz uma ameaça? Ampliarei esse entendimento no capítulo 4.

Ao relatar o fato de os celulares não terem acesso à internet aos meus colegas, nas nossas conversas, eu senti que os armados, verdadeiramente, não são os alunos, mas os professores. Logo acharam uma alternativa para voltar a culpar o celular: “sem internet, mas com jogos; sem internet, mas com músicas”. Houve uma colocação de que algumas operadoras de telefonia oferecem um serviço ilimitado para aplicativos como o *whatsapp*. Ou seja, ainda na opinião de muitos professores, mesmo com poucas possibilidades, o celular resume-se numa ameaça.

Após essas conversas, esses questionamentos, eu confesso que o que minha leitura considerou não me deixa animada. Porque eu não vejo ou vejo pouco interesse real de se pensar a respeito do tema. Vejo verdades absolutas em muitos discursos. O que é lamentável em termos de educação. E muita contrariedade entre o que pensam muitos professores e o que fazem muitos alunos a respeito do celular.

5.3 Educomunicação

Conforme o professor Ismar de Oliveira Soares, em entrevista à revista GEOGRAFIA,

A educomunicação vem surgindo desde a década de 1970 para representar todo esforço feito pela sociedade na defesa de causas como as dos indígenas. Ela vem surgindo na América Latina por meio de grupo de pessoas que se reúnem para usar os recursos da informação na defesa de seus interesses a partir da perspectiva freiriana da comunicação dialógica. (2015, s/p)

O professor afirma que no momento em que os recursos midiáticos são utilizados de maneira democrática para a produção de conteúdo científico e que atenda aos anseios da cidadania, se está fazendo a educomunicação. E ela pode ser concebida em pequenos espaços, como apenas um professor numa sala de aula. É utópico, segundo ele, acreditar que as escolas se tornarão grandes espaços de produção. Mas, ressalta que é preciso começar em algum lugar.

Ainda segundo ele, Educomunicação

É conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em ambientes educativos presenciais ou virtuais, assim como melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. (SOARES, 2003 in ALVES, Patrícia; LAGO, Cláudia, 2005, p.02)

A questão do aparelho celular na sala de aula está intimamente relacionada a esse conceito. Incluir o aparelho celular no planejamento das aulas traz benefícios a todo o ambiente escolar, pois compromete todos os envolvidos. O professor, no planejamento, na orientação; o aluno na execução, na participação, na produção; os setores com o apoio necessário de fora da sala de aula para que dentro dela aconteça aprendizagem de verdade.

Se é relato dos alunos que trazem o celular para a escola para jogar, por exemplo, por que não transformar essa vontade, essa disposição e esse interesse em favor da escola? Os alunos poderiam, por exemplo, criar jogos envolvendo determinada disciplina e conteúdo voltados a sua própria faixa etária ou a outras e, além da mera produção do conhecimento, o compartilhamento do mesmo com outros indivíduos do seu ambiente escolar. Assim como já se faz a construção de jogos pedagógicos sem a utilização das mídias há muito tempo, pensar essa construção aliada à mídia em geral e ao celular, em particular, é uma questão relevante e urgente.

Outros relatos, tanto de alunos quanto de professores, dizem respeito à música no aparelho celular. Então, por que não criar grupos de trabalho voltados a discutir questões sociais importantes através da produção musical? O aparelho celular poderia servir como o gravador de tais trabalhos. Os alunos teriam, além do trabalho em si, que denota importância por si só, a oportunidade de ouvir-se e poder analisar-se criticamente.

Como um tabuleiro no qual se lançam pedras para, com elas, construir grandes lances – assim se apresenta esse novo campo. Não importa a origem das peças, assim como não se privilegia quem possa colocá-las ali. Seja qual for o tipo ou a forma de conhecimento, o campo não somente tem condições de recebê-lo, mas, sobretudo, de promover o diálogo com ele e dele com os outros. Isto é: se há – ou tem de haver – algo que particulariza, caracteriza ou é específico desse campo chamado de Educomunicação é a sua capacidade de entrecruzar saberes, promovendo a interlocução ou a conversa entre os que constroem e/ou se utilizam desses saberes. (SOARES, 2006, p.03)

Daí a importância de se trabalhar com os recursos midiáticos na escola. A produção do conhecimento não fica mais restrita ao espaço escolar. Ela vai além dos seus muros. E assim, sem fronteiras, é possível sua disseminação. O que mais se pode querer de uma escola que produz conhecimento e o dissemina? Uma escola que troca o conhecimento produzido com outros produzidos em outras escolas?

É muito importante considerar o avanço real da disseminação dos aparelhos celulares nas mãos da população do mundo:

A União Internacional de Telecomunicações, UIT, anunciou esta terça-feira, que o número de celulares em uso no mundo passou de 7 bilhões. Segundo a agência da ONU, em 2000 o número de aparelhos celulares era de 738 milhões.

O relatório da UIT mostrou também que atualmente 3,2 bilhões de pessoas no mundo têm acesso à internet, sendo que a maioria nos países em desenvolvimento.

(...)

Nos últimos 15 anos, o alcance da internet passou de 6,5% para 43% da população global. O acesso de casa passou de 18% em 2005 para 46% agora. (JÚNIOR, 2015, s/p)

A comunicação não enfrenta mais as barreiras das distâncias, aliar a escola, o aluno, o conhecimento a essa comunicação é promover um mundo cidadão. E formar indivíduos produtivos e pensantes, críticos e participativos. É preciso, no entanto, antes de mais nada, formar os professores.

Em uma rápida busca na internet, podemos perceber que o mercado já oferece formação nessa área. Há desde cursos de extensão, cursos de curta duração até cursos de

graduação, bem mais aprofundados. Em nível de pós-graduação, Educomunicação é um tema também explorado. O MEC já reconhece a sua importância e inclui entre as obras recomendadas à escola, obras de multimídia.

O Ministério da Educação (MEC), além de estudar a criação de uma política nacional de conteúdos digitais para as escolas, incluiu a inscrição de obras multimídias no edital para os livros a serem distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2015. Isso sinaliza uma possível abertura de mercado de trabalho para o profissional em educomunicação. O bacharelado, recente no Brasil, teve sua primeira turma formada no final de 2013, na UFCG. Para o licenciado, há chances em escolas. Já o bacharel encontra oportunidades nos setores privado e público, articulando mídias e linguagens e propondo estratégias de comunicação. Além de empresas, onde lida com responsabilidade social, ele encontra trabalho em ONGs, espaços culturais, museus e em órgãos do governo na área de projetos educacionais que envolvem a comunicação. A Região Sudeste concentra as melhores oportunidades. (GUIA DO ESTUDANTE, 2015, s/p)

É fácil, também, encontrar apoio aos professores no que diz respeito a atividades que inserem as mídias na escola. Entre as mais atrativas, estão os concursos, mostras, festivais, cuja finalidade é promover o protagonismo juvenil estreitando a relação entre o aluno, escola, mídias e conhecimento.

Experiências de sucesso isoladas, muitas vezes, com o uso do aparelho celular nas atividades cotidianas das escolas também são de fácil acesso. A divulgação desse trabalho pode promover o interesse por parte de muitos professores. Pode atenuar possíveis receios de outros. Em minha busca por atividades bem sucedidas com o celular na escola, deparei-me com um artigo que apresenta uma pesquisa muito interessante e que relato a seguir.

A proposta da pesquisa era utilizar o celular dos próprios alunos durante avaliações de turmas do Ensino Médio de uma escola pública. O objetivo era introduzir um novo processo de avaliação, com metodologia que faz uso das TIC's. As atividades realizadas foram paralelas ao ensino regular e duraram dois anos.

Foram aplicadas, ao todo, oito provas em cada turma e o uso do celular foi estimulado e permitido durante a realização das mesmas. No desenvolvimento das aulas e dos conteúdos, o uso das TIC's foi intenso, portanto, já nas aulas, os alunos tiveram aproximação com as mesmas. É importante ressaltar que durante a pesquisa, a escola ofereceu conexão com a internet via *wireless*, facilitando assim, o uso dos celulares como recurso da aprendizagem.

Durante as aulas, os alunos receberam orientação de como utilizar os programas, aplicativos, recursos em geral a favor do ambiente escolar. Nas avaliações, eles puderam usar

todo o material didático que possuíam, além dos aparelhos celulares. Foi permitida, também, a comunicação entre si através dos aparelhos, de maneira que um ambiente de silêncio fosse mantido.

A primeira observação dos resultados diz respeito à resistência por parte dos alunos a avaliações do tipo prova escrita:

A discussão da metodologia que seria utilizada e sua validação como parte do contrato pedagógico foi fundamental para quebrar eventuais resistências, visto que para muitos alunos a experiência de fazer provas escritas já havia se perdido ao longo dos anos anteriores ou causado traumas. (Antônio, 2015, s/p)

O autor ressalta que a metodologia da prova teve que “abrir espaço para a criatividade e autoria em detrimento da mera coleta de informações”, devido à possibilidade de interação que a presença do celular durante a sua realização iria gerar.

A segunda observação remete à conclusão da prova:

O engajamento dos alunos na atividade de realização da prova aumentou de forma considerável, sendo raros, ao final do experimento, os alunos que desistiam da resolução da prova antes do término do tempo estipulado. Observou-se, pelo contrário, o surgimento de grupos de alunos que apresentavam alguma frustração pela limitação do tempo. Ao fim do ano letivo foram muito raros os casos de “desistência do aluno”, isto é, quando este devolve uma prova “em branco”. (Antônio, 2015, s/p)

O autor destaca também que, em vez do esperado plágio, já que os alunos podiam comunicar-se durante a prova, foi conferido a eles um novo significado ao termo colaboração. Em linhas gerais, a experiência relata que o letramento (tradicional e digital) obteve avanço significativo. Os resultados foram aprimorando-se ao final de cada ano letivo em relação aos do seu início. E, entre outros aspectos, cita:

Melhoraram também as habilidades de pesquisa e síntese dos alunos, a concentração na execução de tarefas e a capacidade de trabalhar colaborativamente. Outros parâmetros que compõem a matriz de avaliação contínua e global também apresentaram melhoras com forte correlação, tais como a frequência, o empenho na realização de atividades e tarefas e o grau de engajamento nas atividades de classe. (Antônio, 2015, s/p)

Essa pesquisa publicada em artigo é uma mostra de que o estreitamento entre escola e TIC's em geral e aparelhos de celular, especialmente, é urgente no cenário contemporâneo. Isso não significa que o que tem sido feito em termos de organização curricular até agora seja inválido. Aponta, sim, para uma nova necessidade. A necessidade de deslocar as mídias do papel que cumprem de recurso para o papel de conteúdo. As consequências de se ignorar a presença das mídias na escola já era tema de discussão há uma década, nas reflexões de RIZZO,

Além de negligenciar questões relativas à formação plural em todas as linguagens, esse descaso pode gerar efeitos sociopolíticos difíceis de mensurar. Lembre-se que cidadãos analfabetos em audiovisual tendem a ser objeto de manipulação por todos os que saibam utilizar a força de convencimento e sedução das imagens e sons. Correm ainda o risco de ser vítimas progressivas de exclusão, tendo em vista, sobretudo, a convergência de mídias em suporte predominantemente audiovisual e o desenvolvimento, graças às possibilidades de uso da Internet e futuramente da TV digital no país, de diversas modalidades de governo eletrônico, ou seja, o uso desses meios para a comunicação entre as várias instâncias do poder público e os cidadãos, inclusive no que diz respeito à prestação de contas e de serviços. (RIZZO, 2006, s/p)

O que também é preciso considerar é o comportamento dos sujeitos a que se destina a consideração acima. Muitos deles, estudantes de escolas públicas, serão mais excluídos (do que já são) da sociedade pelos defensores da ideia de que tais escolas são carentes de tantos outros recursos, que inserir o aparelho celular não teria espaço, quanto a investimento, principalmente. Mas esses sujeitos não querem ser excluídos. São capazes de levar consigo um aparelho sem condições de realizar chamadas ou navegar na internet, pelo simples status que ele é capaz de atribuir ou mesmo pela representação que ele pode ter diante de um determinado grupo. O celular faz parte da identidade do indivíduo contemporâneo.

Em minha busca por mais projetos ou experiências com o celular na aprendizagem, foi bastante fácil encontrar outros trabalhos. Sob o nome de “Mobile Learning”, inúmeras são as experiências relatadas. Na maior parte delas, o aparelho é apenas um recurso. Em poucas, o aluno é protagonista da produção do conhecimento. O que é relevante é que essas experiências são relacionadas à aprendizagem a distância.

Nessa busca por modelos, experiências, relatos do uso do aparelho celular na escola, deparei-me com um artigo que trata da construção de aplicativos para celular que auxiliam alunos com deficiência. Na contramão da lei, uma solução ou um benefício para minorias. É uma solução premiada, pois, segundo BOPPRÉ,

O *HandTalk*, por exemplo, vencedor do prêmio WSA-Mobile, promovido pela ONU, é um aplicativo para *tablets* e celulares que traduz em tempo real, qualquer palavra ou frase, em português, para Libras (Língua Brasileira de Sinais). Para Ronaldo Tenório, um dos fundadores da ferramenta, o uso da tecnologia pode ser um passo para o acesso de crianças com deficiência auditiva nas escolas que, apesar do crescimento no número de matrículas, continua baixo. No ano 2000, última contagem oficial sobre o assunto, o IBGE mostrou que a população de surdos com idade escolar ultrapassava os 350 mil. Em 2010, dez anos depois, o Censo Escolar apontou que apenas 70 mil estavam devidamente matriculados nas escolas. (BOPPRÉ, 2013, s/p)

E, além de promover a inclusão dos alunos com deficiência, favorece a aprendizagem dessa linguagem também por aqueles que não têm deficiência, o que estimula a comunicação entre todos. É um trabalho de sucesso em duas vias. Um trabalho em que as barreiras são superadas em nome da aprendizagem.

Incluir a educomunicação no processo educacional de ambientes formais de aprendizagem é reconhecer o quão necessário é, atualmente, estudar os papéis dos meios de comunicação e a sua importância para o convívio humano. Conforme PERRENOUD (2000) in JAWSNICKER, são instrumentos que ajudam a “formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa [...], a imaginação, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação.”

6 MÍDIA DIGITAL NA ESCOLA: UMA TRANSGRESSÃO?

Figura 5: Uso do celular na escola 1



Fonte: <http://walterlopesweb.blogspot.com.br/p/projetos.html>

Figura 6: Uso do celular na escola 2



Fonte: <http://www.atividadespnaic.com/2015/02/mae-e-aluno-processam-professor-e-se-dao-mal/>

O futuro ainda demora muito tempo? Nada mudou? Tudo mudou? Estamos num momento de transição. Pressentimos o fim de um ciclo histórico, iniciado em meados do século XIX, quando se inventou a modernidade escolar pedagógica. Mas temos dificuldade em abrir caminho à contemporaneidade [...] A escola de hoje é infinitamente melhor do que a escola de ontem. É mais aberta, mais inteligente, mais sensível à diferença. Mas não chega. (NÓVOA, 2005, p.15)

O mundo do consumo não é mais novidade. Não é um tema inovador. Falar das culturas da mídia hoje não é o mesmo do que há uma década. Não? Depende dos

interlocutores. Depende de onde estão. Há de se considerar que existem sim, ainda, sujeitos que ignoram essa realidade. Realidade representada nas duas imagens que abrem este capítulo. É possível a interpretação de que nessas imagens os alunos são transgressores, basta observar o uso escondido do celular na figura 5 e a expressão da professora na figura 6.

Essa realidade, desses novos sujeitos, está sendo vastamente estudada e discutida no meio acadêmico. Em especial nas pesquisas que se voltam aos Estudos Culturais em Educação, em que a identidade dos sujeitos precisa ser compreendida.

Esse novo sujeito, conforme BETTIOL, é “um sujeito agregador de identidades e atravessado por múltiplas subjetividades”. Conforme HALL,

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13)

Na escola inserida no mundo do consumo, é preciso encontrar formas de protocolizar o digital. Seria como seguir o velho conceito de se ter boas maneiras à mesa. As crianças e os adolescentes necessitam de assistência para bem se portar diante de um novo banquete que lhes está sendo proposto pela sociedade do consumo. Por isso, ignorar as tecnologias digitais na escola ou proibi-las somente aumentará o desgaste nas relações.

Transgredir é fugir dos conceitos legitimados histórica e socialmente. Mas, é preciso acompanhar a evolução das sociedades. E isso poderia ser considerado uma transgressão? E como tal sofrer punições? Se a própria sociedade está modificando seus conceitos, a transgressão seria, talvez, continuar acreditando e seguindo os preceitos de uma sociedade que não existe mais na prática. “As práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando assim, constitutivamente, seu caráter.” (GIDENS, 1990, p.37 in HALL, 2005, p.15)

Quanto mais expostos os sujeitos são às influências externas, mais difícil será conservar as identidades intactas. E faz parte dos sujeitos da escola contemporânea uma vida mediada pelo mercado global, interligado pelos sistemas de comunicação. A respeito disso, Hall (2005, p. 78) nos diz que “parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais”.

Portanto, os alunos dos quais estamos tratando nessa pesquisa, estão constantemente em busca da constituição da sua identidade. Identidade que é reforçada sim, pela cultura da mídia e do consumo, pois, conforme Costa (2001, p.31), o sujeito “se constitui no interior da história e está conectado a ela” inevitavelmente. Proibir que esse aluno utilize um aparelho de celular é ir na contramão dessa busca.

Falo de uma geração que se relaciona de maneira bem específica com os conceitos de espaço e tempo. Um espaço que assume características transitórias no mundo que nos tem sido apresentado. Um mundo em que a busca por desfazer fronteiras é constante, bem como a busca por sua identificação com o outro, com determinados grupos. Portanto, essa geração vive à procura de comunidades que compartilhem dos mesmos anseios que os seus.

Ressignificar as convenções é a palavra de ordem dessa geração. Os sujeitos passam a se comunicar sob novas modalidades, mas aprendem na escola sob as antigas. Há um conflito importante nesse aspecto que reflete diretamente na constituição da identidade escolar do aluno e, conseqüentemente, nos seus interesses pela mesma.

No momento em que a escola se interpõe entre a identidade que os alunos assumem, suas formas de comunicação e as comunidades com as quais eles pretendem se relacionar, seja virtualmente ou não, ela se afasta dos mesmos, tornando-se menos importante, interessante do que quaisquer outros desejos que eles possam ter.

Essa é uma geração que apresenta também outras questões, que vão além da constituição da identidade. Ou que a atravessa. Ao discutir as gerações e suas especificidades, em seu livro “Vidas Desperdiçadas”, Bauman nos diz que

os problemas de hoje mudaram: são relacionados aos objetivos, e não limitados pelos meios. (...) Agora não se trata mais de encontrar meios para atingir fins definidos de modo claro e então segurá-los com firmeza e usá-los com o máximo de habilidade para obter o maior efeito possível. A questão agora é a indefinição dos fins – que se desvanecem e dissolvem mais depressa que o tempo necessário para atingi-los, são indeterminados, não-confiáveis e comumente vistos como como indignos de compromisso e dedicação eternos. (BAUMAN, 2005, p.25)

Portanto, a escola de hoje precisa voltar-se aos fins, orientando os alunos que vivem nesse mundo farto de “meios”. Tantas são as possibilidades de “como fazer” que “o que fazer” acaba perdendo-se. Entendemos aqui, trazendo para o tema da pesquisa, que o que é preciso na escola é oferecer um bom uso, um motivo (fim) ao celular (meio), para que ele não

seja visto como uma simples transgressão a normas defendidas por gerações que não tiveram as mesmas oportunidades.

Incluir novas finalidades nos currículos escolares é uma importante questão a ser discutida para atingir os novos sujeitos. Uma vez que sabemos que os alunos têm acesso facilitado aos meios, o melhor a fazer é oportunizar uma finalidade saudável. Algo que venha ao encontro dos seus interesses e, por consequência, dos interesses da escola, voltados a real aprendizagem dos alunos.

Quase no final da pesquisa, deparei-me com um site que tratava da nomofobia:

O nome vem do inglês no + mobile + fobia, ou seja, "fobia de permanecer sem conexão móvel", que inclui internet e celular. Essas pessoas não saem de casa sem o celular, mantêm o telefone ligado 24 horas por dia e sentem ansiedade quando o esquecem em casa. Antes de dormir, programam o telefone com o número do médico, do psicólogo e dos hospitais registrados em ordem por uma numeração específica, para o caso de ser necessário. Elas apenas precisariam apertar a tecla correspondente ao atendimento e logo encontrariam a providência desejada. Elas ainda se sentem rejeitadas quando ninguém lhes telefona ou quando percebem que os amigos recebem mais ligações do que elas. Quando ficam sem bateria ou fora da área de cobertura, se sentem ansiosas, angustiadas e inseguras. (MEDEIROS, 2015, p.1)

Cito isso porque penso que reforçar a ideia de oferecer aos alunos atitudes saudáveis de uso do aparelho celular, poderá evitar, inclusive, que novas gerações sejam ameaçadas por este transtorno. Para ter uma ideia mais clara, apliquei um teste organizado pelo Núcleo de Pesquisas da Psicologia em Informática da PUC-SP (NPPI) que avalia se você é viciado em celular.

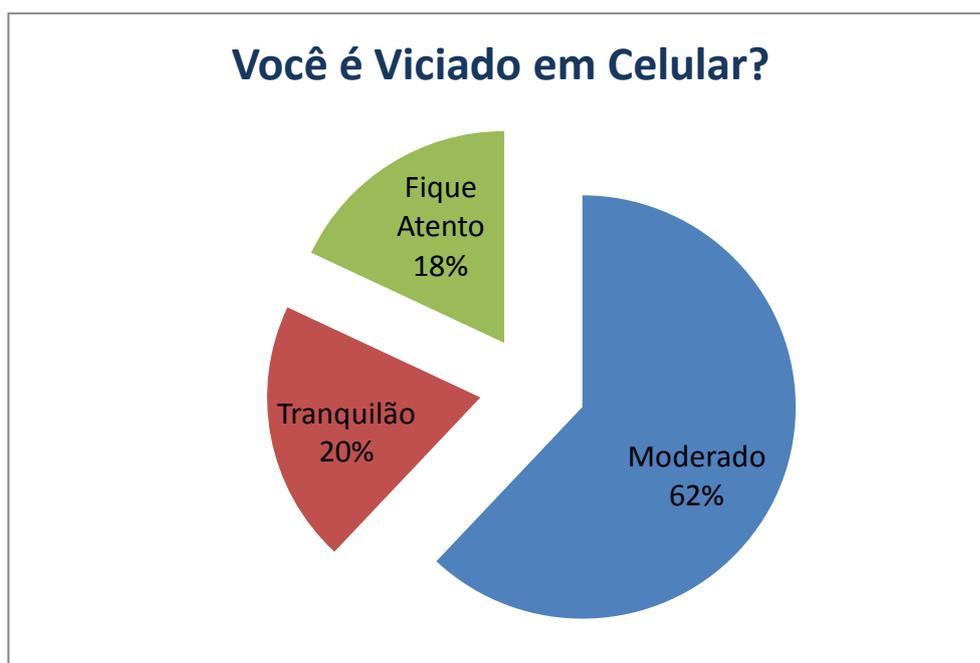
As perguntas do teste e as possibilidades de respostas encontram-se no Anexo A. Os entrevistados são alunos de escola pública e estão cursando o primeiro e o segundo ano do Ensino Médio noturno.

As três respostas demonstram claramente as diferenças entre os sujeitos. A maior parte dos alunos obteve o resultado "Moderado" que sugere um uso adequado do aparelho celular. As demais respostas tiveram resultados muito próximos, o que chama muito minha atenção. Alunos viciados em celular, dependentes do aparelho, ou muito próximos a isso, estão praticamente ao lado dos alunos que são absolutamente "isentos" do aparelho, que vivem normalmente sem o mesmo.

É importante voltar a destacar, a partir desses resultados, que me parece que com orientação adequada e bom suporte esses alunos poderão ser usuários em potencial do aparelho celular para o seu próprio benefício e da coletividade também.

O gráfico a seguir ilustra os dados obtidos de maneira que seja possível refletir sobre a (não) grandiosidade do problema de que trato nessa pesquisa.

Gráfico 3: Quiz: Você é viciado em celular?



Fonte: Organizado pela autora

Ainda antes de encerrar o capítulo, é preciso fazer uma consideração. Não houve tempo hábil entre a finalização do trabalho e a discussão com os alunos a respeito do Quiz. Mas, chamou-me a atenção uma resposta constante.

Na pergunta “Ao caminhar pela rua, ou mesmo enquanto dirige, você tem o costume de ler ou escrever mensagens no celular?”, a grande maioria das respostas foi “NUNCA”. Ao lançar os dados, fiz uma relação que será, certamente, objeto de investigação futura.

Acredito que essa resposta estava mais relacionada com a questão da segurança do aluno e do seu aparelho, evitando roubos, do que propriamente por não desejarem consultar o celular enquanto caminham na rua. Esse é um fator possível e que atravessa ou cruza o mundo real e o virtual desse novo século, determinando-os de certa forma.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar de um tema de pesquisa que está em curso tem suas vantagens e desvantagens. Ao mesmo tempo em que as respostas nos cercam, as perguntas nos alucinam. Pesquisar, em tempos de hipertextos é desafiador e adia o final da pesquisa a cada clique que permite constantemente novas possibilidades, novos rumos, descobertas. Por isso, aqui, faço apenas considerações, pois não vejo o trabalho como conclusivo.

O aparelho móvel e a internet entraram na vida cotidiana de maneira tal que, em alguns casos, é tratada como dependência e doença. Já existe um movimento para tratar as pessoas que ultrapassam os limites saudáveis ao seu próprio corpo e a sua mente. Desanimador é saber que enquanto boa parte do mundo já está no caminho de volta, a educação ainda dá seus primeiros passos.

O que eu noto, muito claramente, é que os alunos necessitam de orientação no que diz respeito ao uso das TIC's. Apesar de serem alunos que nasceram na era das mídias digitais, não é difícil constatar que são poucos os que sabem utilizá-las com propriedade. Ou, ainda, utilizá-las para variados fins, pois, normalmente aliam o seu uso ao lazer, contribuindo para a sua identificação como sujeito no mundo em que vivem, mas desconhecendo as inúmeras outras possibilidades de aprendizagem que elas proporcionam.

O novo século que se apresenta nos coloca na dualidade inclusão/exclusão. A escola precisa deixar preconceitos e incluir-se no mundo dos seus alunos. Ao contrário, ela será excluída facilmente pelos mesmos. Como já fazem, de fato, quando não demonstram qualquer interesse pelas formas mais tradicionais de ensino. Formas que, como já disse anteriormente, não são de todo inválidas. Ou não foram num determinado contexto. Porém, o contexto mudou. Assim como precisamos adequar as vestimentas a um determinado tipo de evento, a fala a uma determinada situação de comunicação, bem como a escrita, devemos também adequar os planejamentos a esse contexto que se nos apresenta atualmente.

Porém, não são apenas os alunos que precisam de um suporte. Os professores, antes dos alunos, merecem atenção especial e, portanto, oferta de formação sobre esse assunto. Tornar o tema comum, corriqueiro, talvez seja a melhor forma de amenizar os ditos danos que ele causa na escola.

As experiências relatadas nesse texto nos mostram que os alunos são/estão sedentos por uma escola que os constitua como sujeitos desse mundo. Aproximar esses interesses com as exigências do mundo em movimento é obrigação da escola para que possa se manter viva.

Talvez seja um tanto ousado afirmar, mas as secretarias públicas e as mantenedoras privadas devem, urgentemente, favorecer o acesso dos professores a esse tema, esclarecendo as possibilidades riquíssimas que ele oferece. Ao mesmo tempo, oferecer possibilidades reais aos alunos, através de uma boa e útil infraestrutura. Dessa maneira, os alunos, donos das suas verdadeiras identidades poderão mover-se no mundo escolar como se movem fora dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, José Carlos. **Avaliação da era das TDIC**. Professor Digital, SBO, Acesso em: 08 jul. 2015. Disponível em: <https://professordigital.wordpress.com/2015/06/15/avaliacao-na-era-das-tdic>

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

BETTIOL, Maria R. B. **Os Estudos Culturais: O Espaço da Insatisfação do Sujeito**. Acesso em 02 jul. 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/31182/19357>

BOPPRÉ, Vinícius. **Jovens Criam Tecnologias para Acessibilidade**. 2013. Acesso em 01 jul. 2015. Disponível em: <http://porvir.org/porfazer/jovens-desenvolvem-tecnologias-para-acessibilidade/20130628>

BRASIL. **Diretrizes de Políticas para a Aprendizagem Móvel**. Acesso em 02 abr. 2015. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Acesso em 01 mai. 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Acesso em 01 mai. 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>

COSTA, Marisa W. **Sujeitos e Subjetividades nas Tramas da Linguagem e da Cultura**. In: CANDAU, Vera M. (org.) *Cultura, Linguagem e Subjetividade no Ensinar e Aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GIDDENS, A. **The Consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990 in HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GUIA DO ESTUDANTE. **Educomunicação**. Editora Abril. Acesso em 30 jun.2015 Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/comunicacao-informacao/educomunicacao-685058.shtml>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JÚNIOR, Edgard. **UIT diz que número de celulares no mundo passou dos 7 bilhões em 2015**. Nova York: Rádio ONU, 2015. Acesso em: 06 jul. 2015. Disponível em: <http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2015/05/uit-diz-que-numero-de-celulares-no-mundo-passou-dos-7-bilhoes-em-2015/#.VZ1uSvmYGWs>

MATTOS, Pompeu de. **Projeto de Lei N.º 2.246-A, DE 2007**. Acesso em: 23 mar.2015. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=517286&filename=Avulso+-PL+2246/2007

MEDEIROS, Roberta de. **Cadê meu Celular?** Acesso em: 08 jul. 2015. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/quiz/2012/05/21/voce-nao-consegue-viver-seu-celular-faca-teste-e-confira-se-voce-tem-sintomas-de-vicio.htm>

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000 in JAWSNICKER, Cláudia. Educomunicação: reflexões sobre teoria e prática. Acesso em 03 jul. 2015. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/jawsnicker-claudia-educomunicacao.pdf>

RIZZO, Sergio. **Por uma escola que contemple o audiovisual**. 2006. Acesso em 30 jun. 2015. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>

SOARES, Donizete. **Educomunicação o que é isto?** SP, Gens, 2006. Acesso em: 27 jun. 2015. Disponível em: http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf

SOARES, Ismar. ALVES, Patrícia e LAGO, Cláudia. **Raízes Educomunicativas: Do Conceito à Prática**. Educom. rádio – Núcleo de Comunicação e Educação ECA / USP 2004. Acesso em: 07 jun. 2015. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/16.pdf>

_____. Entrevista **Entenda a Educomunicação**. Revista Geografia. Editora Escala. Acesso em 27 jun. 2015. Disponível em: <http://conhecimentopratico.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/26/artigo145874-1.asp>

ANEXO A

QUIZ – VOCÊ É VICIADO EM CELULAR?

Como você lida com o fato de esquecer o celular em casa?

- Volto para buscar, pois é essencial para mim
- Deixo lá e, quando chegar ao meu destino, aviso aos contatos próximos que estou sem aparelho
- Se ligarem para mim é cobrança. Então é melhor ficar em casa mesmo

Como você definiria a importância do celular em sua vida?

- Não consigo viver sem
- É importante, mas não essencial
- Ficar sem não faz diferença

Você sabe de cor o número de seus contatos mais próximos?

- Sim. Os números do pai, mãe, irmãos e namorado (a) é obrigação saber
- Só sei o meu e o de casa
- Não. Sem o celular não sei o número de ninguém

Além de usar o celular como despertador, é normal que você deixe o aparelho no banheiro enquanto toma banho?

- Lógico, vai que alguém liga para mim...
- Apenas se estou esperando uma ligação muito importante
- Não. O vapor prejudica o circuito do aparelho e aí não poderei usá-lo

Como você reage ao fato de ter deixado acabar a carga de bateria do celular?

- Tristeza define o que sinto
- Tudo bem. Carrego quando puder
- Tanto faz

Em conversas com a família ou mesmo com amigos, é comum você desviar o olhar para o telefone para verificar se há alguma nova chamada ou mensagem?

- Sim. Sempre dou uma olhadela, independente de quem estiver comigo
- Às vezes. Só olho se ouvir ou perceber alguma notificação
- Não faço, pois acho falta de educação

Ao caminhar pela rua, ou mesmo enquanto dirige, você tem o costume de ler ou escrever mensagens no celular?

- Sim. Faço isso direto
- Às vezes. Só em casos de emergência
- Nunca

Quando fico sem celular, você se sente como se estivesse perdendo algo?

- Sim. É como se não tivesse uma parte de mim
- Depende. Se tiver rolando um evento importante, sim
- Não. Eu acho até bom ficar sem celular

O uso do celular o impede de ter tempo para realizar atividades básicas (dormir no horário, ir ao trabalho/escola e chegar pontualmente)?

- Sim
- Algumas vezes não dá tempo
- Não

RESPOSTAS

Usuário moderado

Pelas suas respostas, você usa bastante o celular, mas de uma forma razoável. Ao mesmo tempo em que não deixa o celular desligado, sabe a hora de usar o aparelho, sem ser mal-educado.

Tranquilão

Aparentemente, você não tem muitos "sintomas" de quem é viciado em celular. Aliás, até parece que não liga muito para celular e que não se deixou levar por todos os recursos do dispositivo móvel.

Fique atento!

O celular, para você, parece ser mais que uma ferramenta, mas algo que supera o bom-senso. Se você acha que o celular está afetando consideravelmente seu rendimento na vida social ou mesmo profissional, é importante procurar a ajuda de um profissional.